

ARTE ROMANA E PEDREIRAS DE MÁRMORE NA LUSITÂNIA: NOVOS CAMINHOS DE INVESTIGAÇÃO

M. Justino Maciel

Legar à posteridade em mármore uma cidade que recebeu construída em tijolo foi uma das alegrias do Imperador Augusto ao fazer um balanço da sua vida, segundo Suetónio¹. As propostas urbanísticas do *Princeps* transformam-se em modelos para todas as novas cidades e capitais de colónia, incrementando-se deste modo o uso do mármore logo a partir dos inícios do Império, perdurando ainda bem vivo nos finais do séc. IV, já numa sociedade em grande parte cristianizada.

Séneca diz-nos, nos meados do séc. I d. C, que existia o ideal de que as paredes reluzissem com mármore importados da outra banda do mar², que se olhavam com admiração as *crustae marmoriae* que as revestiam³ e que era sinal do melhor estatuto caminhar sobre mármore⁴. E Paciano de Barcelona, nos finais do séc. IV, encontra na renúncia ao *marmoribus tegi*⁵, ao habitar em casas de mármore, uma forma de fazer penitência.

¹ Suetónio, *Augustus*, 28.

² *Epistulae Morales*, XIX, 114, 9, in Lúcio Aneu Séneca, *Cartas a Lucílio*, Tradução, Prefácio e Notas de J. A. Segurado e Campos, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, p. 631.

³ *Epistulae Morales*, XIX, 115, 9. Idem, p. 641.

⁴ *Epistulae Morales*, II, 17, 8. Idem, p. 56.

⁵ *Sermo de Paenitentibus*, X, 3, in Pacien de Barcelone, *Écrits*, Introduction, Texte

Entre os sécs. II a. C. e IV d. C. a *Hispania* e nela o actual território português vivem um processo intenso de aculturação com as propostas romanas, por isso dita de romanização. Ora, em paralelo com o que sucedeu noutras províncias do Império, também progressivamente entre nós a romanização se foi caracterizando, seja em termos urbanísticos, seja em termos decorativos, materialmente como marmorização. À medida que uma *ciuitas* subia de estatuto no mapa administrativo do mundo romano, ascendendo à categoria de *municipium* ou enriquecendo os cidadãos a ponto de poderem exercer o seu evergetismo em prol da *Respublica*, o mármore torna-se num equivalente sensível do êxito alcançado, procurando-se então imitar os modelos da *Vrbs*, assim dela mais se aproximando.

Em Portugal, podemos constatar este comportamento na análise diacrónica e linear que progressivamente vai sendo possível efectuar sobre a evolução do urbanismo romano, à medida que os estudos de Arqueologia e de História da Arte vão permitindo uma sistematização e uma interpretação dos dados disponíveis. Nos estudos de arquitectura são de destacar os resultados conseguidos em Conímbriga⁶. Nos estudos de decoração arquitectónica, designadamente de capitéis, devem ser referidas dissertações de mestrado já apresentadas ou em fase de conclusão no Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa⁷. No que respeita ao mosaico, onde a utilização do mármore também é significativa, destaca-se a progressiva publicação do respectivo *Corpus*, bem como algumas dissertações, já apresentadas ou em perspectiva⁸.

critique, Commentaire et Index par Carmelo Granado, Traduction par Chantal Épitalon et Michel Lestienne, Paris, *Sources Chrétiennes*, 1995, p. 138.

⁶ J. Alarcão et R. Étienne, *Fouilles de Conimbriga*, Paris, 1974-1979.

⁷ Maria Antonieta B. S. Ribeiro, *Capitéis Romanos de Beja*, Dissertação de Mestrado em História da Arte da Antiguidade, Lisboa, Universidade Nova, 1994.

Lídia Maria M. Fernandes, *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental*, Dissertação de Mestrado em História da Arte da Antiguidade, Lisboa, Universidade Nova, 1997.

Carlos Jorge C. Vieira, *Capitéis de Ara do Municipium Olisiponense*, Dissertação de Mestrado em História da Arte da Antiguidade, Lisboa, Universidade Nova, 1998.

⁸ J. M. Bairrão Oleiro, *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal, I, Conímbriga, Casa dos Repuxos*, Conímbriga, 1992.

M. Felisbela Borges, *Mosaicos luso-romanos em zona de influência de Olisipo e Collipo*, Dissertação de Mestrado em História da Arte da Antiguidade, Lisboa, Universidade Nova, 1987.

Licínia N. Correia, *Decoração Vegetalista nos Mosaicos Portugueses*, Dissertação de Mestrado em História da Arte da Antiguidade, Lisboa, Universidade Nova, 1985.

É, porém, nos estudos sobre escultura e baixo-relevo que mais se tem destacado a importância da eleição do mármore na nossa Antiguidade Clássica e Tardia⁹.

O conhecimento e o trabalho de investigação sobre a obra de arte em suporte de mármore tem atingido bons resultados, procurando actualmente a investigação reunir as condições que possibilitem ultrapassar os vectores da leitura documental e formal em termos mais quantitativos, a partir de novos dados que só a arqueometria poderá proporcionar, já que em termos qualitativos continua a ser possível aprofundar, seja numa perspectiva unidisciplinar, seja numa panóplia pluridisciplinar, leituras progressivamente efectuadas.

Novos horizontes de leitura se dirigem, assim, para um alargar da contextualização, designadamente no sentido da produção da obra de arte marmórea, com tudo o que tem a ver com a extracção em pedreiras, primeiros desbastes, transportes e acabamentos em oficinas. O concurso da interdisciplinaridade revela-se aqui fundamental, sobretudo quando é possível associar várias tipologias analíticas¹⁰, transformando as hipóteses isoladas, avançadas através de cada um dos conhecidos métodos de análise, em certezas confirmadas por uma soma de conclusões que, mesmo pela negativa, quando verificamos serem os resultados diferentes dos de análises já efectuadas com amostras de outras pedreiras e de outras obras de arte, nos levam a leituras positivas e a saltos quantitativos e qualitativos pelo método conclusivo da exclusão de partes¹¹.

Trabalhos recentes demonstram a utilidade de proceder a intensivos levantamentos de campo que proporcionem uma visão clara e alargada da extensão das explorações de mármore na época romana.

A localização de mais uma pedreira explorada já na Antiguidade,

⁹ A. Garcia y Bellido, *Esculturas romanas de España y Portugal*, Madrid, 1949.

Vasco de Souza, *Corpus Signorum Imperii Romani, Portugal*, Coimbra, 1990.

M. Justino Maciel, *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa, 1996.

¹⁰ Entre as principais citaremos as da termoluminescência e catadoluminescência, da espectroscopia de ressonância electrónica e de emissão atómica com excitação por plasma, da difractometria de raios X, petrográfica, de elementos vestigiais, e ainda a isotópica do carbono e oxigénio e do estrôncio (J. M. Peixoto Cabral, "Considerações sobre a determinação da proveniência de mármore arqueológicos", in *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Lisboa, 1996, pp. 67-82).

¹¹ J. M. Peixoto Cabral, *op. cit.*, p.78.

junto a Estremoz¹², juntamente com a obtenção de notícias de marcas de explorações antigas em toda a zona próxima, vem permitir alargar a Estremoz o conhecimento que já existia de exploração de mármore na zona de Vila Viçosa e concluir, através de novas descobertas também na zona de Bencatel¹³, que praticamente toda a jazida de mármore no eixo Estremoz – Vila Viçosa foi conhecida e explorada na Antiguidade. Testemunham-no os roços abertos a picão, as marcas seriadas das cunhas utilizadas para a extracção dos blocos, desperdícios, peças em parte já lavradas e abandonadas nas *lapicidinae* por defeito ou por erro de talhe, tais como colunas, arcos/sarcófagos sumariamente desbastados e mesmo uma insculptura de uma divindade aquática em baixo-relevo na própria ravina deixada pelo corte dos blocos marmóreos, num local onde nascia água, na Herdade da Vigária, Bencatel, Vila Viçosa¹⁴. As marcas de cunhas utilizadas na extracção dos blocos que acompanham todos estes testemunhos acusam um *modus faciendi* idêntico em todos os locais de exploração antiga, seja nas suas dimensões, seja no talhe, seja na tipologia e nos intervalos dos alinhamentos, situando-as sem qualquer dúvida entre o início do Império e o fim de uma primeira Antiguidade Tardia, tendo presente a sua associação a elementos cronologicamente datados do séc. I d.C.¹⁵ encontrados no contexto da *lapicidina* da Vigária, onde surge já esta tipologia de marcas de cunhas.

A extracção de mármore na nossa Antiguidade revela-se-nos, assim, mais extensiva do que intensiva, no sentido de que os processos utilizados não permitiam explorar as jazidas com as cotas de profundidade que hoje é possível atingir. A procura dos blocos fazia-se à superfície, aprofundando apenas até onde o sistema de levantamento

¹² M. Justino Maciel, “Évora na Antiguidade Tardia”, in *Évora, História e Imaginário*, Évora, 1997, p. 31.

¹³ No Museu de Vila Viçosa encontra-se outro bloco de mármore com um único sarcófago oval escavado, proveniente do Monte d’El-Rei, Bencatel. Recentemente, na pedreira do Monte da Lagoa, também em Bencatel, descobriu o geólogo Luís Lopes, da Universidade de Évora, marcas de roços e de cunhas com as mesmas características das técnicas romanas.

¹⁴ J. Alarcão, *Roman Portugal*, II, 3, Warminster, 1988, p. 157.

J. Alarcão e A. Tavares, “A roman marble quarry in Portugal”, in R. I. Curtis (ed.), *Studia Pompeiana & Classica in Honor of Wilhelmina F. Jashemsky*, II, Classica, New Rochelle, pp. 1-12.

¹⁵ J. Alarcão, *op. cit.*, p. 157.

por roço e por cunhas o permitia. Daí que hoje se constate ter havido uma extensiva procura de jazidas em toda a zona de Estremoz – Vila Viçosa, dirigida seja pela facilidade de transporte, seja pela possibilidade de aplicação dos métodos extractivos então conhecidos, seja ainda pela qualidade dos mármore, designadamente os brancos destinados a estatuária.

A descoberta que fizemos recentemente de um bloco de mármore branco anilado rosado, tendo duas arcas ou sarcófagos desbastados¹⁶, permite avançar desde já com mais algumas hipóteses, enquanto se aguarda o desenvolvimento dos estudos das análises geológicas, químicas e isotópicas em curso, a cargo de uma equipa multidisciplinar¹⁷.

Por volta de 1980, ao alargar-se o campo de exploração da Pedreira do Regoto, junto ao Monte do mesmo nome, freguesia da Glória, Estremoz, onde se extraía mármore branco anilado rosa, a uma profundidade de dois ou três metros debaixo da terra ali sedimentada, foi encontrado¹⁸, juntamente com entulhos antigos e outros desperdícios de mármore, um bloco irregular com duas cavidades talhadas em forma de sarcófago, tendo as dimensões máximas de 2,37x1,82x1,06 metros, respectivamente de comprimento, largura e espessura. Com a venda da pedreira, este bloco foi transportado para o próximo Monte do Olival, continuando a pertencer aos mesmos proprietários¹⁹. Ali o pudemos observar, fotografar e descrever²⁰.

¹⁶ M. Justino Maciel, “Évora na Antiguidade Tardia”, *op. cit.*, p. 28.

¹⁷ Presidida pelo Prof. J.M. Peixoto Cabral, do Instituto Tecnológico Nuclear. J. M. Peixoto Cabral, M. C. R. Vieira, P. M. Carreira, M. O. Figueiredo, T. P. Pena e A. Tavares, “Preliminary study on the isotopic and chemical characterization of marbles from Alto Alentejo(Portugal)”, in M. Waelkens, N. Herz & L. Moens (eds.), *Ancient Stones: Quarrying, Trade and Provenance*, Leuven, 1992, pp.191-198. J. M. P. Cabral, M. J. Maciel, L. Lopes, J. M. C. Lopes, C. O. Mustra, P. M. Carreira, “Use of petrographic and stable isotope analysis in determining provenance of some roman works of art in portuguese museums”, in *ASMOSIA Vth International Conference*, Boston, Museum of Fine Arts, 1998 (no prelo).

¹⁸ Segundo descrição feita ao Autor pelo Senhor Avelino Silva Seixinho Parreira, que então participava nos trabalhos da pedreira.

¹⁹ Senhor Francisco Guerreiro e Dr^a. Dídía Guerreiro. Aos Senhores João José Ramalho, D. Maria das Neves Pardal e Jorge Pardal agradecemos o bom acolhimento e as informações que tornaram possível a localização deste monumento no Monte do Olival, após uma primeira indicação que ficamos devendo ao Senhor Avelino Parreira.

²⁰ Entre os vestígios romanos que mais próximo circunstancializam este monumento citaremos, a Sul, uma *Villa* no sítio do Alpalhão, junto ao cruzamento da estrada

O bloco possui as dimensões exteriores atrás descritas, tendo uma arca quadrangular totalmente escavada e alisada com as dimensões interiores de 1,91x0,49x0,49 metros e outra de topos ovalados apenas sumariamente desbastada a picão numa profundidade de 7cm. No entanto, a largura e comprimento desta última são iguais aos da quadrangular. Tendo em conta o intervalo existente entre as duas cavidades, após o corte do bloco em dois, cada caixa ou sarcófago ficaria com 7 cm de espessura nas suas paredes, partindo do pressuposto de que essa espessura seria uniforme. É, aliás, já essa a espessura que apresentam num dos topos. Este bloco teria sido abandonado devido a erro de cálculo no planeamento da profundidade da caixa quadrangular, originando uma grande falha no fundo, num dos cantos, devido ao enviesado do extradorso do bloco nessa zona. Do lado exterior da delineada caixa ovalada, são visíveis, num correr longitudinal, as marcas das cunhas utilizadas para a separação do bloco da rocha-mãe.

O grande interesse da descoberta deste bloco, já adiantado no processo de acabamento, é sublinhado ainda pelo facto de já não ser o primeiro a ser encontrado no eixo Estremoz – Vila Viçosa em circunstâncias idênticas. Um outro foi encontrado também já há anos, com medidas e características praticamente iguais, tendo em vista a obtenção dum mesmo tipo de produto final. A sua descoberta e descrição é-nos relatada num Parecer à Junta Nacional de Educação, redigido pelo Prof. J. M. Bairrão Oleiro, então Vogal da mesma Junta, após deslocação ao local do achamento, em 24 de Março de 1966²¹.

Segundo este Parecer, a Junta Nacional de Educação teve conhecimento do achado através de um Ofício do Presidente da Câmara Municipal de Vila Viçosa, datado de 06 de Dezembro de 1965 e que “transcrevia uma Carta do Adjunto do Conservador do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança, comunicando o aparecimento de

Arcos – Glória com a de Estremoz – Rio de Moinhos, onde têm surgido materiais cerâmicos de recipiente e de construção, bem como sepulturas, e, a Nascente, o já desde o séc. XVIII descrito e conhecido como Tanque dos Mouros, sobre o qual passa a Estrada Nacional Estremoz – Borba. Junto, toda a zona envolvente da Igreja de N^a. Sr^a. dos Mártires acusa testemunhos da romanidade. Já em Estremoz, extramuros, em torno da Ermida de São Lázaro, algumas tégulas indicam também um povoamento romano no local.

²¹ J. M. Bairrão Oleiro, *Achado de dois sarcófagos numa pedreira em Pardais, Parecer*, Lisboa, Junta Nacional de Educação, 1966, 4 páginas. Agradecemos ao Senhor Prof. Bairrão Oleiro a deferência em nos permitir fotocopiar a cópia que mantém em seu poder, assim como a cedência da fotografia n.º 5.

dois sarcófagos, possivelmente romanos, talhados num único bloco de mármore, acidentalmente encontrados em trabalhos de exploração de uma pedreira da firma António Matias Rocha & Irmãos, em São Marcos, Freguesia dos Pardais, Concelho de Vila Viçosa. Segundo esse documento, os sarcófagos tinham sido descobertos à *profundidade de dois metros e meio, sendo plano o terreno à superfície, e plantado de oliveiras, talvez de séculos, das quais uma assentava mesmo por cima dos ditos*²².

Após observação do bloco, entretanto deslocado para o Museu de Vila Viçosa, e da sua descrição pormenorizada, J. M. Bairrão Oleiro concluiu que “dele se obteriam dois sarcófagos de tipo simples, correspondentes às formas 1 e 3 da velha tábuia de Cagnat-Chapot (**Manuel d’Archéologie Romaine**, I, p.332, fig.176), ou sejam a de caixão rectangular e a de caixão rectangular interiormente arredondado nas duas extremidades. A parte externa deveria ser lisa, até por isso que a pouca espessura das paredes não daria para nelas se lavrarem quaisquer motivos decorativos. Toda a parte interna dos dois sarcófagos havia sido já desbastada e são visíveis na parte superior do bloco as linhas que orientariam o trabalho de separação e acabamento. Numa das cabeceiras pode mesmo verificar-se que esse trabalho chegou a ser iniciado utilizando-se uma serra”²³. Em deslocação ao local do achado, o autor do Parecer constatou ser “claramente visível em determinado ponto uma extensa linha de entalhes feitos na rocha para introduzir cunhas destinadas à separação de blocos, de acordo com processos técnicos que sabemos terem sido usados na época romana”²⁴.

É ainda fundamental transcrever a opinião do Professor Bairrão Oleiro sobre a cronologia destes achados: “Afirmar categoricamente que os sarcófagos são romanos poderá parecer ousado, pela falta de elementos seguros com eles directamente relacionáveis. Mas negar essa possibilidade será, quanto a mim, imprudente. Julgo que podemos considerá-los como tais, não só pelo que se observou na altura da descoberta, mas também porque nem a forma como começaram a ser trabalhados, nem os achados das vizinhanças parecem sugerir qualquer outra época”²⁵.

²² J. M. Bairrão Oleiro, *op. cit.*, p. 1.

²³ Idem, p.2.

²⁴ Idem, p. 3.

²⁵ Idem, p. 4.

Um esquema comparativo entre os dois blocos é eloquente quanto à sua semelhança e dimensões:

	Tipologia	Espessura	Profundidade	Compr. int.	Largura int.
Sarcófagos dos Pardais	Rectangular e Lênòs	7 cm	53 cm	205 cm	52 cm–Rect. 49 cm–Lênòs
Sarcófagos do Regoto	Rectangular e Lênòs	7 cm	50 cm	191 cm	49 cm–Rect. 49 cm–Lênòs

As conclusões possíveis são as seguintes:

1. Observação de que, numa distância considerável, no eixo Estremoz/Vila Viçosa, há dois testemunhos de uma técnica de extracção e produção de arcas, sarcófagos ou tinas de lagar em mármore.
2. Constatação de que os blocos eram separados das jazidas através de um sistema de roço e de cunhas, cujas marcas subsistem no contexto destes sarcófagos e noutros locais.
3. Verificação de que um dos sistemas de extracção adoptados era o de talhe e desbaste de dois sarcófagos por bloco, ainda na própria *lapidina*. Só uma vez concluído o desbaste interior se procedia ao corte por serra, quer para separação das unidades, quer para obter o aspecto paralelepípedo exterior, no caso de não se proceder à escultura em baixo-relevo, já em oficina ou no local de destino. Assim se obtinha um maior rendimento no trabalho, se evitavam perdas irreparáveis quando o bloco ocasionalmente acabava por revelar falhas naturais e se facilitava o transporte das peças, já com o peso muito mais reduzido em relação ao do bloco compacto original.

A estas conclusões, há a acrescentar a hipótese, que desde já podemos lançar, de um desenvolvimento progressivo da extracção de mármore, ou ,pelo menos, de um novo incremento numa primeira Antiguidade Tardia, nos sécs. III e IV. Indiciam-no não apenas os testemunhos materiais da exploração nessa época, como também todas as informações que possuímos sobre uma revitalização da vida rural na Lusitânia, numa altura em que *Emerita Augusta*, de simples capital de Província, assume o estatuto de capital da *Dioecesis Hispaniarum*. O *ager* eborense, designadamente, que abarcava esta zona de mármore de Estremoz – Vila Viçosa, vê nesta época as suas estradas serem renovadas, como o atestam os marcos miliários de Santo Aleixo, Terugem, N^a. Sr^a. de Aires, Silveirona, Évoramonte, Estremoz (Tanque

dos Mouros) e Vila Viçosa, todos referindo Imperadores dos sécs. III-IV²⁶. A estadia de duas famílias senatoriais no *ager* eborense é, aliás, indicada por uma inscrição de N^a. Sr^a. da Tourega, muito possivelmente proveniente da *Villa* que ali existiu. Nela se referem dois quatuórviros encarregados das vias romanas nos inícios do séc. III da nossa Era²⁷. Dois pedestais, um encontrado na *Villa* de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz) e outro em N^a. Sr^a. de Aires (Viana do Alentejo), apresentam a inscrição *Bono Rep(ublicae) Natus* (Nascido para o Bem da República)²⁸, datáveis da segunda metade do séc. IV, possivelmente para sustentar estátuas de Imperadores dessa época. Grandes *Villae*, já conhecidas, a ser estudadas ou apenas localizadas, falam-nos de um amadurecer da romanidade, imediatamente antes das invasões, em que a marmorização continua a ser, e cada vez mais, sinal de romanização plena.

É, porém, a grande extensão das jazidas exploradas que nos fala de um longo processo extractivo, iniciado na época augustana e que precisa de séculos para se estender a toda a zona de Estremoz – Vila Viçosa. A descoberta, na zona de Pardais, de um “fuste de coluna, de uma base ática, de um fragmento de placa de revestimento e de um capitel bastante tardio, além de numerosos fragmentos de um único mosaico a duas cores”²⁹, poderão relacionar-se com o desenvolvimento de *Villae* tardias na zona e mesmo com a instauração da arquitectura paleocristã no seu contexto, como são os casos já conhecidos da Silveirona (Estremoz) e de Torre de Palma (Monforte).

Mas a informação mais directa é, sem dúvida, a proveniente destes sarcófagos dúplices, em que a ocorrência da tipologia das *lênòi*, ou tinas de lagar, nos reporta ao contexto dionisíaco, em que o túmulo adopta a forma de *lacus* vínico como signifiante da esperança escatológica, com todas as conotações cristãs que aqui interagem, acabando por, na opção que o marmorista oferece entre um sarcófago qua-

²⁶ J. d'Encarnação, *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, pp. 723-724 e 729-733.

M. Justino Maciel, “Évora na Antiguidade Tardia”, *op. cit.*, p. 29.

²⁷ J. d'Encarnação, *op. cit.*, pp. 456-458.

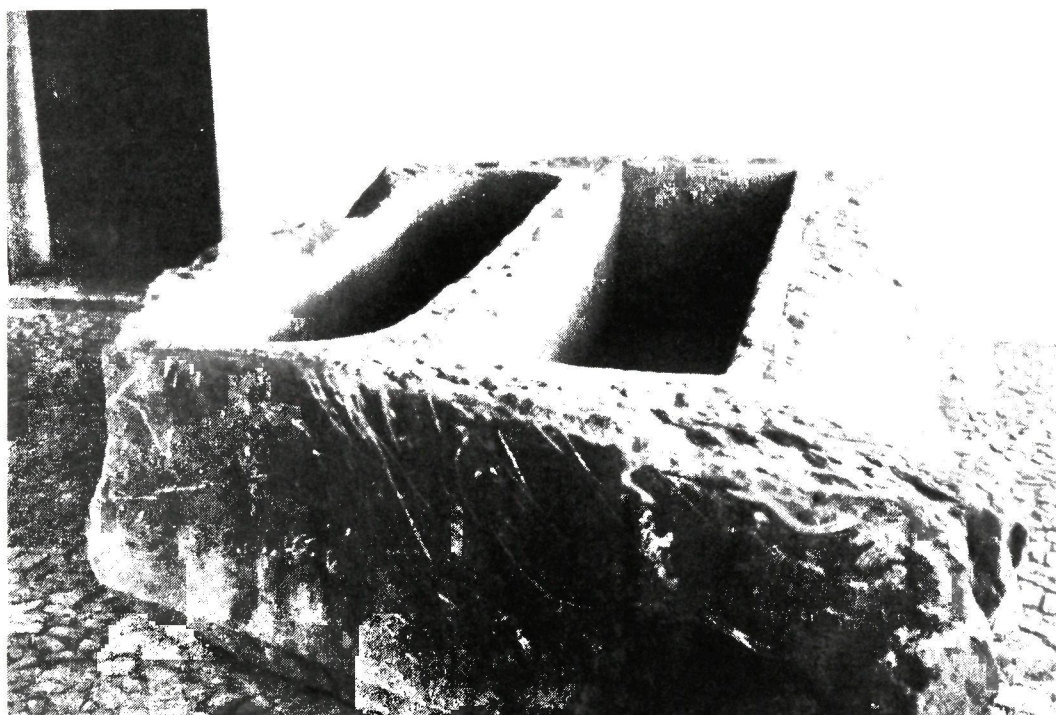
M. Justino Maciel, “Évora na Antiguidade Tardia”, *op. cit.*, p. 31.

²⁸ J. d'Encarnação, *op. cit.*, pp. 492 e 523.

M. Justino Maciel, “Évora na Antiguidade Tardia”, *op. cit.*, pp. 29-30.

²⁹ J. M. Bairrão Oleiro, *Achado de dois sarcófagos...*, *op. cit.*, p. 2.

drangular e uma *lênòs* oval, se vislumbrar como se dinamizavam as propostas existenciais e ideológicas perante a morte numa dialéctica activa nos nossos sécs. III e IV³⁰.



1 – Bloco de mármore com dois sarcófagos talhados. De São Marcos, Pardais, Vila Viçosa. Museu de Vila Viçosa. Foto M. Justino Maciel.

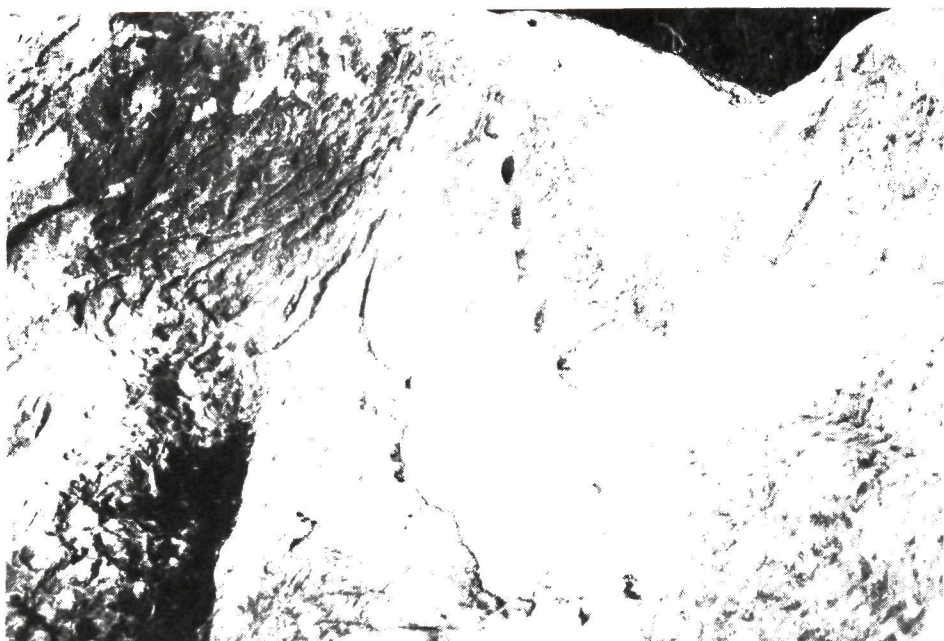
³⁰ M. Justino Maciel, *Da Arte Romana à Arte Paleocristã. O Sarcófago Romano de Évora*, Sep. da *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/UNL*, 2, Lisboa, 1988.



2 – Bloco de mármore com dois sarcófagos, um deles já talhado e o outro em fase de desbaste. Do Monte do Regoto, Gória, Estremoz. Actualmente no Monte do Olival, Glória, Estremoz. Foto M. Justino Maciel.



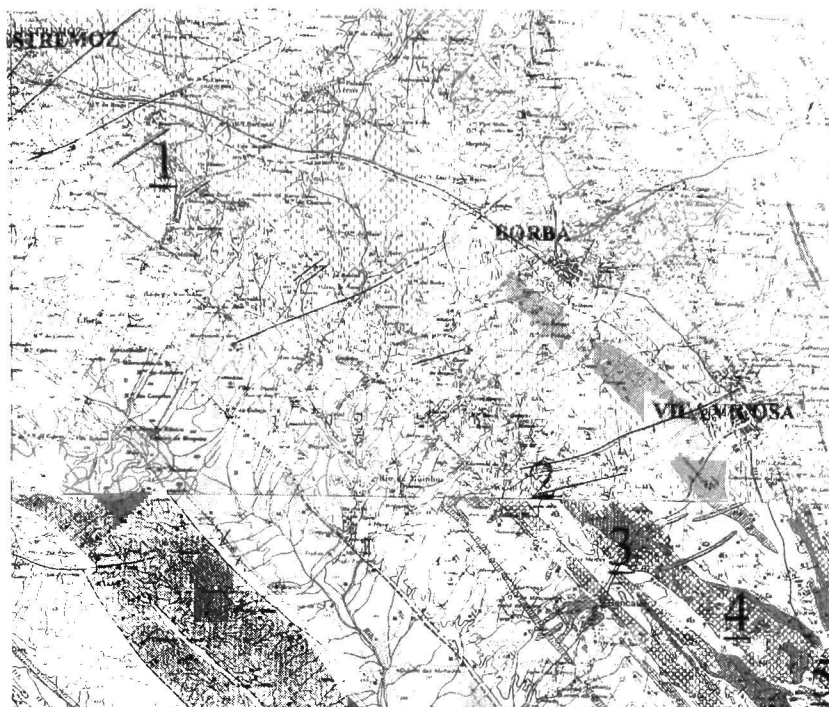
3 – Bloco com um sarcófago (*lênòs*) talhado. Do Monte d'El-Rei, Bencatel, Vila Viçosa. Museu de Vila Viçosa. Foto M. Justino Maciel.



- 4 – Bloco de mármore com marcas para cunhas. Da Herdade da Vigária, Bencatel, Vila Viçosa. Museu de Vila Viçosa. Foto M. Justino Maciel.



- 5 – Bloco de mármore com baixo-relevo representando uma divindade aquática. Da Herdade da Vigária, Bencatel, Vila Viçosa. Museu de Vila Viçosa. Foto J. M. Bairrão Oleiro.



6 – Extracto da Carta dos Serviços Geológicos nº 36B (Estremoz), com indicação dos locais citados em que há vestígios de exploração de mármore na Antiguidade:

- | | |
|-----------------------|-------------------|
| 1. Monte do Regoto | 4. Monte da Lagoa |
| 2. Herdade da Vigária | 5. São Marcos |
| 3. Monte d'El-Rei | |